

# Terminologia Geográfica

(Continuação)

- BRUGALHEIRA** — Termo de Itu, São Paulo, designativo de terra de cultivo difícil pelo fato de conter muitas pedras soltas, brugalhaus. Informação de A. TAUNAY. (B. de S.).
- BRUMADO** — Nome que, no este de São Paulo, se dá às moitas cerradas e baixas. AFONSO TAUNAY registra o termo e dá o seguinte exemplo: "Vou caçar naquele brumado de taquaris". VALDOMIRO SILVEIRA e C. TESCHAUER registam-no escrevendo bromado, com a significação de "mato ou capoeira, basto, fechado, cheio de espinhos e de cipós". (B. de S.).
- BURAUQUEIRA** — Termo mais ou menos geral (São Paulo e Nordeste) que designa terreno muito alcantilado e cheio de depressões, ou uma sucessão de caldeirões. (B. de S.).
- BURARA** — Palavra muito de uso no sul da Bahia para indicar o emaranhado ou cerrado que formam os ramos das árvores que caem em meio da mata, dificultando a travessia. (B. de S.).
- CAA-ETÉ** — Nome de uma das duas secções da mata amazônica — a mata verdadeira das planícies, só inundada nas grandes enchentes; a outra secção chama-se caa-igapó. Distinguem-se as duas não só pela situação, mas também pelas diferentes espécies de árvores, pelo esgalho e casca das mesmas. Palavra derivada do tupi, *caa*-mato e *eté*-verdadeiro, legítimo. (B. de S.).
- CAATINGA** — Uma das zonas divisórias do território do Estado, caracterizada por acidentes geográficos particulares, e outras circunstâncias especiais de clima e vegetação; terras aproximadas ao sertão, e fechadas ou cobertas de carrasqueiros e outros vegetais da flora sertaneja. "Chama-se catinga o mais do sertão, que está pelo menos afastado vinte léguas do mar, que é terra seca, de pouca água". (GABRIEL SOARES DE SOUSA). Catinga vocábulo de origem tupi, segundo TEODORO SAMPAIO, tem a expressão de mato espinhento, retorcido e áspero, que cobre uma terra arenosa e quase estéril, dominando largas extensões. Denominava-se no tupi: caatinga, mato branco, alvaco, de que procede o vocábulo catinga, afeiçoado já ao português e muito comumente empregado no norte do Brasil, mas, de fato, bastante expressivo porque pinta o aspecto particular dessa vegetação, no tom geral, acinzentado e esbranquiçado. (F. A. P. C.).
- CABAÇA** — Espécie de cuia ou coité do fruto do cabaceiro, cuieira ou coitezeira (*Crescentia cujete*. LINN.). Oval ou esférico, serrado ao meio e extraído o miolo que o enche por completo. "As cabaças são usadas como utensílios de casa. Abertas em duas bandas, tirada a polpa e secas, servem à guisa de louça de barro". (H. KOSTER) (F. A. P. C.).
- CABEÇA** — Termo usado pelos pescadores da ilha de Bom Jesus, na baía de Todos os Santos, designativo de coroa submersa formada de pedras calcáreas. (B. de S.).
- CABEÇA D'ÁGUA** — Assim se designa no Nordeste, da Bahia ao Piauí, o descer das primeiras águas, logo em seguida às grandes chuvas da entrada do inverno, pelo leito exsiccado dos rios, estendendo-se de uma a outra margem, com uma altura de um a dois metros e até mais. No sertão da Bahia também se chama cabeça d'água aos crescimentos repentinos das águas dos rios quando já estão correntes ou cheios, análogos ao que, na Amazônia, se denomina repiquê: são novas camadas d'água que fazem oscilar o nível fluvial. (B. de S.).
- CABECEIRAS** — Nascente de rio ou riacho. (B. de S.).
- CABOCLO** — Ao gentio manso, ou reduzido à civilização se começou desde logo (a colonização do Brasil) a chamar *caa-boc* que quer dizer tirado ou procedente, do mato, donde nos veio o vocábulo caboclo, como ainda hoje o pronunciou o homem rústico, ou caboclo, como já o adotou o português — brasileiro. (TEODORO SAMPAIO). Consoantemente já em meados do século XVIII havia escrito o nosso conterrâneo LORETO COUTO: "O nome cabocoro, que com erro se escreve e pronuncia caboclo, deriva dos nomes *ca-ab* e *oca*, dos quais o primeiro significa mato, e o segundo casa, e vem a dizer, homem que tem casa no mato... O nome de cabocoros foi impôsto aos índios em seu princípio, porque muitos deles viviam dispersos pelos matos em cabanas que formavam de ramos e fôlhas de árvores. "Quanto a nós, particularmente em Pernambuco, a mais remota notícia que temos do vocábulo, vem da primeira metade do século XVI, como a consigna frei MANUEL CALADO, escritor da época, referindo-se aos aborígenes da capitania: "Índios Potiguares aos quais no Brasil comumente chamam cabocolos". Vem daí a sua vulgarização, e o seu uso até mesmo oficial

- como consta da obra *Informação Geral da Capitania de Pernambuco*, de meados do século XVIII, que tratando dos aldeamentos indígenas do seu distrito, e mencionando a respectiva população, diz que eram de índios Caboclos da língua geral, ou particularizando as diferentes tribos a que pertenciam; e tratando oportunamente das qualidades de pessoas de que se compõe o país, escreve sobre o assunto. "Caboclos são os índios que moram na costa e falam a língua geral". (F. A. P. C.).
- CABOTO** — Termo do sul da Bahia que designa esteiro marinho fique ou não em seco na baixamar. (B. de S.).
- CABRA** — Mestiço de negro e mulato. "Ao mestiço deu-se o nome de cabra, bode, e outros títulos malsinantes". (SÍLVIO ROMERO) (F. A. P. C.).
- CACIMBA** — Diccão que, em vários Estados do Brasil, principalmente no Nordeste, designa escavações feitas no solo das várzeas ou nos leitos secos dos rios temporários (torrentes) para dêles tirarem os sertanejos a água necessária, não só aos usos domésticos mas também à bebida dos gados. É um africanismo angolense derivado do termo quimbundo quixima — poço. (B. de S.).
- CAFOFO** — Terreno embrejado onde a decomposição de matérias orgânicas provoca exalações próprias das águas apodrecidas em charco. É termo mineiro. (B. de S.).
- CAFUNDÓ** — Brasileirismo que tem uma dupla significação. As vezes se emprega no sentido de baixada estreita entre lombadas muito íngremes e bastantemente altas; outras vezes, e principalmente no sul da Bahia, no Nordeste, em São Paulo até Santa Catarina, na acepção de lugar êrmo, longínquo, aonde se vai com dificuldade, longe das estradas batidas e trilhadas pelos viajantes. (B. de S.).
- CAFUZ** — Filho de negro com índio. (EUCLIDES DA CUNHA, *Os Sertões*). "O cruzamento do índio com o negro deu em resultado uma linda raça mestiça, côr de azeitona, cabelos corridos, e que é conhecida no Norte com o nome de cafuz ou curiboca, e no Sul com o de caboré". (COUTO MAGALHÃES, *O Selvagem*). (F. A. P. C.).
- CAIÇARA** — I, espécie de cerca feita de varas ou ramos, postos horizontalmente; II, galhada de árvores batidas, no corte de madeiras; III, espécie de armadilha para atrair o peixe. (R. G.).
- CAIDOR** — Termo do Sul do Brasil, designativo de lugar onde desce o gado no rio para passá-lo a nado. (B. de S.).
- CAÍVA** — Termo do Sul do Brasil, designativo de terreno pobre em húmus e impróprio para a cultura, onde a vegetação é constituída por árvores esguias e entremeada de pastios. No norte de Santa Catarina, diz o padre GERALDO PAUWELLS, ouve-se caiba. É termo de origem túpica: de *caa*-mato e *aiba*-ruim, imprestável. (B. de S.).
- CALADA** — Palavra portuguesa bastante conhecida, com o significado de silêncio profundo, muito comum na expressão, — na calada da noite. Entretanto, à margem do rio São Francisco, segundo informação local (Juazeiro), assim chamam os sertanejos a cessação do vento, a calmaria que sempre anuncia próximo temporal. (B. de S.).
- CALAFATE** — Registrado por TESCHAUER, que assim escreve: "No Cabo Frio e em Araruama chamam assim o vento leste pelos danos que causa às embarcações, obrigando-se a consêrto de calafate (em port. o que calafata as embarcações). EUGÊNIO DE CASTRO em excelente artigo publicado no *Jornal do Comércio* de 12 de setembro de 1937 sob o título "Espírito marítimo brasileiro e sua influência na nossa geografia lingüística" escreve: "na altura de Cabo Frio até a Ponta Negra se levanta em lufadas do leste o calafate — assim chamado pelo dano que causa ao calafêto dos barcos". (B. de S.).
- CALDEIRÃO** — Várias são as acepções dêste termo. Na Amazônia significa remoinhos dos rios, isto é, lugares nos leitos dos rios onde se formam vórtices e turbilhões resultantes de correntes circulares, perigosas à navegação; referido por A. J. DE SAMPAIO. Na Bahia e região das Lavras Diamantinas assim se denominam buracos redondos cheios de cascalho, na piçarra das catas: ao caldeirão pequeno chamam casco de burro. No Rio Grande do Sul, chamam caldeirão a uma grande escavação no meio do campo, ou das estradas feitas pelas chuvas ou pisadas dos animais. Assim também em São Paulo: nos *Sapêzais e Tigueras* de AMADO CAIUBI lemos à pág. 77: "A chuva empoçava nos caldeirões, as águas estagnavam nos reôncavos das pedras e a febre entrou a assolar os moradores das planícies". Em outras zonas, assim se nomeiam tanques naturais nos lajedos, onde se armazenam águas

pluviais. Na *Geologia* de J. C. BRANNER, à pág. 28, primeira edição, encontramos caldeirão no sentido de cova lisa e arredondada, de várias dimensões, que se forma no leito dos rios, devida ao desgastamento produzido pelos remoinhos nas correntes, onde as pedras soltas são revolvidas em um círculo de pequeno diâmetro. Do mesmo sentir é EVERARDO BACKHEUSER, em seu *Glossário*: "furos causados nos leitos dos rios pelo redemoinho de pedras soltas quando estas encontram uma depressão natural onde possam exercer a sua ação corrosiva. Os caldeirões apresentam paredes lisas e brilhantes de tão polidas que ficam. São mais freqüentes junto a cascatas e quedas d'água e alguns os denominam marmitas de gigante, principalmente quando a profundidade é muito maior de que a largura. Ficaram célebres na história da exploração dos diamantes os caldeirões onde se tinham acumulado as preciosas pedras e que, descobertos, faziam a riqueza de quem os tinha achado". BEAUREPAIRE-ROHAN, registrando o termo caldeirão, dá-lhe o sentido de covas atoladiças, que se formam transversal e paralelamente, nas estradas freqüentadas por tropas de animais no tempo das chuvas e acrescenta que, em Pernambuco e Alagoas, chamam a isso camaleões. (B. de S.).

**CALHAMBOLA** — Termo muito usado no Brasil nos tempos coloniais e que significa — o negro fugido, o negro do mato, que vivia homiziado nos quilombos e mocambos. (B. de S.).

**CALOJI** — Casa dividida em pequenos compartimentos, que se alugam, mediante diminuta paga, não só para a dormida da gente da mais baixa ralé, como para a prática de imoralidades, e serve de couro a vagabundos, etc. (R. G.).

**CALUNGUEIRO** — Apelido na costa do Rio de Janeiro, trecho de Cabo Frio, aos pescadores do pargo, peixe aí chamado calunga. (B. de S.).

**CAMA** — Registrado por MACEDO SOARES como designativo de leito fundo de rios. (B. de S.).

**CAMA-DE-VARAS** — Expressão que, segundo informe do Dr. SABÓIA RIBEIRO, designa, na zona noroeste de São Paulo, o trabalhador rural, jornaleiro. (B. de S.).

**CAMALEÕES** — Elevações sucessivas de terreno compreendidas entre sulcos transversais, produzidas nas estradas de leito argiloso pelo pisar dos animais, na estação das chuvas. Etim.: de camalhão, por intercorrência de camaleão o lacertílio *Iguana tuberculata*, que C. DE FIGUEIREDO dá como — lagarto fabuloso, que mudava de cor segundo a variedade dos objetos que o rodeavam, — inadvertência pasmosa que, felizmente, corrigiu no suplemento do seu dicionário. Ar. Geogr.: B. ROHAN, 29, e M. SOARES, 140, consignam como usual em Pernambuco e Alagoas, mas ambos êsses autores definem o t. com transposição de sentido. (R. G.).

**CAMALOTE** — Termo do sul do Brasil, especialmente de Mato Grosso, o qual designa ilhas flutuantes formadas de plantas aquáticas, aguapés, que descem os rios, à mercê da corrente, logo que começam a receber as primeiras águas. E' o mesmo que periantã na Amazônia. (B. de S.).

**CAMARADA** — Palavra registrada por BEAUREPAIRE-ROHAN como regionalismo de São Paulo, Minas, Paraná, Goiás e Mato Grosso, significando o homem assalariado para servir não só de condutor de animais, mas também em trabalhos rurais e domésticos. A área geográfica dêste brasileirismo é hoje mais extensa para o norte. (B. de S.).

**CAMBEMBE** — Trabalhador que não era escravo, e se contratava para prestar serviços nos engenhos mediante salário. (R. G.).

— Nome que, em Viçosa de Alagoas, serve para designar o povo que habita o campo ou a roça. (B. de S.).

**CAMBIROTO** — Termo usado no oeste da Amazônia, nas terras entre o Javari e o Acre, que designa monte de argila. (B. de S.).

**CAMBITEIRA** — Locomotiva da estrada de ferro geral, que conduz trens de cana para as usinas particulares. (R. GARCIA).

**CAMBITEIRO** — Nome com que se designa, em Alagoas, o carregador de canas, oriundo de cambitos, ganchos de madeira colocados nas cangalhas e que servem para sustentar os feixes de canas. (B. de S.).

**CAMBITO** — Forquilha de pau para o transporte, em costa de animais, de cana, lenha, capim, etc. (R. G.).

**CAMBOA** — Estreito, canal ou braço de rio que penetra pela terra a dentro, com mais ou menos extensão, largura e profundidade, e que enche e vaza com o fluxo e refluxo da maré. Camboa entre os índios, tinha o nome de igarapé, o caminho da canoa, o furo, o braço, o esteiro. (TEODORO SAMPAIO). Cremos que a dicção camboa, no sentido vulgar que tem entre nós, é regional, uma vez que no norte pelo menos do Amazonas ao Piauí, ainda se

mantém o nome indígena de igarapé, e no sul tem o de gamboa, que não exprime a cousa, uma vez que este termo é particularmente dado ao fruto da gamboeira, variedade do marmeleiro, da flora portuguêsã; ao passo que camboa é vernáculo se bem que, com a expressão de lago esteiro à beira mar, com porta, por onde entra o peixe com a maré, e fica em sêco na vazante, segundo a definição de MORAIS. (F. A. P. C.).

**CAMBOEIRO** — Em alguns pontos do sertão da Bahia assim chamam os sertanejos aos aguaceiros caídos antes das primeiras trovoadas do ano. (Vide cambueiras). EUGÊNIO DE CASTRO em seu "O Espírito Marítimo Brasileiro e sua Influência na nossa Geografia Lingüística" diz que cambueiros são ventos tempestuosos que sopram do sul. (B. de S.).

**CAMBUEIRAS** — Termo do sertão da Bahia que nomeia chuvas grossas, que costumam cair no mês de setembro, enchendo córregos e transbordando açudes e tanques. São chamadas também as chuvas dos imbus ou umbus. (B. de S.).

**CAMINHEIRO** — Antiga denominação dos estafetas, ou correios pedestres, para o interior e províncias limítrofes. (F. A. P. C.).

**CAMI-NAUS** — Palavra indígena da Amazônia, empregada pelos ameríndios no sentido de lagos ou lagoas à beira dos rios. (B. de S.).

**CAMPANHA** — Dupla significação tem este regionalismo. Geralmente é usado no sentido de campo extenso, campo grande que se desenrola a perder de vista. No Rio Grande do Sul, porém, denomina uma das regiões em que se divide o Estado quanto ao aspecto, a parte baixa, formada de campos limpos, com poucos agrupamentos arbustivos, onde se encontram terras negras e férteis, muito plausivelmente derivadas da pedra moura que é uma rocha eruptiva do grupo diabase e diorito, segundo a opinião de A. GOMES CARMO, que acrescenta: "Nesta região os matos são escassos, a configuração do solo pouco atormentada, predominando as campinas onduladas suavemente". É a Campanha a região do Rio Grande do Sul contrária à que chamam Serrana, que é a mais própria para a agricultura. Tratando do aspecto físico do Rio Grande do Sul, o Dr. F. ROBERTO SIMCH, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico* do mesmo Estado, ano 1924, III e IV trimestres, escreve à pág. 66: "Há do lado oriental uma grande planura arenosa, cheia de lagoas e lagunas, árida, estéril em grande parte; o restante consta de duas partes: uma setentrional, relativamente mui alta ao oriente e pendendo gradativamente para W e para S — é a Serra; a outra muito baixa que forma o resto do Estado — é a Campanha. A serra é o resto do planalto brasileiro com grandes campos ondulados e com muitas matas nas escarpas, nas cabeceiras e bordos de seus numerosos rios; a campanha bastante montuosa a E, mas muito mais baixa que a serra, especialmente constituída de campinas". (B. de S.).

**CAMPEIRO** — Diz-se assim, no Rio Grande do Sul, o indivíduo que vive habitualmente no campo ou na campanha, campeador, que tem a seu cargo o cuidado do gado. (B. de S.).

**CAMPESTRE** — Encontramos para este termo diversos sentidos variantes de Estado a Estado. Na ilha de Marajó, entre o Igarapé Grande e o Camará, segundo a informação de V. CHERMONT, é um pequeno campo alto, de área diminuta, circundada pela floresta. No oeste da Bahia, conforme ensina LUETZELBURG é denominação especial dada à vegetação xerófila, de árvores baixas, em grandes espaços, sobre relvas, com elementos arbóreos do carrasco e dos agrestes e, à pág. 35 do 3.º vol. lê-se: "Os campestres se estendem a oeste de Duro e Santa Maria de Tabatinga, na parte leste do Estado de Goiás, no extremo oeste da Bahia e ao sul do rio das Fêmeas. São certas regiões com vegetação mista, de árvores altas, de troncos retos, pertencentes aos agrestes, arbustos oriundos de carrascos, ervas e relva típica das campinas de leste de Goiás". Nas convizinhanças de Araranguá (Santa Catarina), diz RAJA GABAGLIA, assim se chamam a pequenos campos arenosos. CALLAGE e ROMAGUERA dão-lhe, no Rio Grande do Sul, o sentido de campo no meio do mato, com o que concorda o padre GERALDO PAUWELLS de referência a Santa Catarina. OLÍMPIO DA FONSECA, autor do capítulo "Flora" do *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, comemorativo do primeiro centenário da Independência, escreve, repetindo a lição de LINDEMANN: "Uma forma especial de campo paleáceo é o campestre, formação encontrada na região florestal do Rio Grande do Sul e constituída por planícies de gramíneas altas..." Afinal campestre pode ser dito ilha de campo, como o capão é ilha de mato. (B. de S.).

**CAMPINA** — Vocábulo português que, no centro do Brasil, entre a Bahia e Goiás, designa especialmente curiosas e extensas planícies cobertas de relva muito dura, capim, quase desprovida de flora arbórea. Nas campinas, léguas

e léguas se apresentam sem árvores: nos sítios em que aparecem são grandemente intervaladas, os seus troncos são curtos, a sua folhagem é larga e dura, distinguindo-se a mangabeira, palmeiras de apenas um metro de altura, algumas velósáceas. Tão pobres são as campinas em madeira, diz-nos LUTZELBURG, que ao viajante chega a faltar combustível para as necessidades. A flora é típica xerófila. Desenvolvem-se sobretudo no oriente de Goiás, prolongando-se até a Bahia onde se acabam na orla dos campestres, além do rio São Francisco. LUTZELBURG atravessou em sua jornada científica do nordeste a campina do Duro, de 93 quilômetros de extensão. (B. de S.).

**CAMPO** — Voz generalizada em todo Brasil, designativa de extensos tratos de terra onde predominam as gramíneas, cobertos de ervas, desde a côr parda até a verde, ora um horizontalismo golpeante, ora no ondulamento acidentado de planalto desgastado pelos agentes exógenos. Grande parte do território nacional é ocupado pelos denominados campos, aqui desafortunadamente extensos, ali alternando com a mata exuberante. O ilustre botânico PHILIPP VON LUTZELBURG define: “vegetação de relva silicosa, com ervas ou baixos semi-arbustos em planícies ou ondulações suaves, onde a vegetação lenhosa é separada da herbácea pelos caapões. (B. de S.).

**CAMPO COBERTO** — Campo de transição entre os campos e as matas, que ocorre na região costeira e do baixo Amazonas (J. HUBER) campo que, oferecendo pastagem para o gado, está entretanto entremeado de arvoredo escasso (BEAUREPAIRE-ROHAN). A este campo se chama no Paraná e Rio Grande do Sul faxinal ou faxina. ANTÔNIO LOPES informa que, no Maranhão, assim se nomeiam os pantanais, de grande extensão. (B. de S.).

**CAMPO DE BAIXADA** — Expressão maranhense, referida no livro de RAIMUNDO LOPES, à pág. 146, designativa dos campos aluviais, “salpintados de lagos em rosários”, que ocupam a baixada maranhense em torno do golfo, “inscritos numa linha que passa por Santa Helena, Engenho Central, foz do Grajaú, Pombinhas, Vargem Grande e Icatu. “A denominação campos da baixada é usada em oposição à de campos do sertão: ainda RAIMUNDO LOPES os divide em campos de teso e campos baixos, pròpriamente ditos, ou inundáveis. (B. de S.).

**CAMPO DE SERRA** — Assim se denominam em certos Estados as pastagens que revestem as abas e as cumiadas das serras, que são denominadas peladas. (B. de S.).

**CAMPO DE SÓLTA** — Segundo o ilustrado secretário do Instituto de História e Geografia do Maranhão, ANTÔNIO LOPES, é “aquêlo onde soltam, para se refazerem, as boiadas do Piauí, Goiás ou Bahia, compradas para revenda”. Termo maranhense. (B. de S.).

**CAMPO DOBRADO** — Certa extensão de campo com altos e baixos, com coxilhas e planícies, como são geralmente os campos de cima da serra, no Rio Grande do Sul, onde também se diz campo repecho. Os campos de cima da serra, escreve-nos o general FORTES, “caracterizam-se por serem ondulosos, isto é, coxilhas arredondadas em curvas suaves separadas por vales também suaves e a ausência de linhas planas. A sucessão dessas linhas curvas em descidas e subidas dá uma beleza encantadora à paisagem”. Falando dos campos de Tumucumaque, GASTÃO CRULS, que acompanhou em 1928-1929 a expedição Rondon à fronteira da Guiana Holandesa, disse em entrevista concedida à *Fôlha do Norte* (21-1-1929): “A sua topografia aproxima-se muito dos campos do Triângulo Mineiro, isto é, são campos dobrados, com pequenos outeiros e elevações suaves e alguns cerrados e charravascais à margem dos rios. (B. de S.).

**CAMPO FEITO** — Diz-se do campo plantado pela mão do homem quase sempre de grama ou qualquer espécie de forragem. E’ o campo artificial contrário ao natural. (B. de S.).

**CAMPO NATIVO** — E’ a pastagem natural, o campo que a própria natureza presenteou ao homem. (B. de S.).

**CAMPO PARELHO** — E’ o que se distende plano, sem ondulações pronunciadas. (B. de S.).

**CAMPO SUJO** — E’ aquêlo que, além das ervas e gramíneas, apresenta arbustos e outras plantas. (B. de S.).

**CAMPOS GERAIS** — M. SOARES e RODOLFO GARCIA registam esta denominação em parágrafo especial, com o que concordamos inteiramente. E’ termo geral do Brasil para designar as desenvolvidas extensões de terreno cobertas de gramíneas e ervas, uniformes e aplainadas. Os dois autores citados dão-lhe como área geográfica o planalto médio entre o de Curitiba e o de Guaraçuava, no Paraná. Há engano: em quase todo o Brasil, é muito freqüente a denominação — campos gerais, ou simplesmente — os gerais. Ainda sôbre

- os campos gerais devemos referir a opinião de J. E. WAPPAEUS, em sua clássica *Geografia do Império do Brasil*, que os define: "grandes extensões, cobertas de relva entre pardo e verde que, embora lembrando pela uniformidade e extensão os *llanos* e pampas da América do Sul e as *prairies* da América do Norte, se distinguem déles pela forma ondulosa que muitas vêzes se eleva a verdadeiros morros". (B. de S.).
- CANDIEIRO** — No sul do Brasil e em Minas Gerais assim se chama ao que, no norte, se diz chamador ou mais completamente chamador de boi, isto é, o individuo que, armado de agulhada ou vara de ferrão, segue à frente da junta de bois que puxa o carro. (B. de S.).
- CANGACEIRO** — Malfetor reunido em quadrilha, que infesta as estradas do interior, atacando os viajantes, e até mesmo as propriedades e povoados, retirando-se com os despojos das suas rapinas, e não raro deixando vítimas das lutas travadas. (F. A. P. C.).
- CANGONGO** — Nome dado, no sul do Estado da Bahia, pelos sertanejos aos habitantes de beira-mar. (B. de S.).
- CANGURAL** — Vegetação arbustiva, prejudicial ao desenvolvimento das pastagens. Segundo RODOLFO GARCIA, que a regista, é dicção riograndense do sul. CÂNDIDO DE FIGUEIREDO regista a forma canzurral, que não encontramos empregada. (B. de S.).
- CANHADA** — Espaço de terreno baixo que medeia entre duas coxilhas ou serras, mais ou menos banhado d'água e com a vegetação própria das terras úmidas. Também é o vale que corre longitudinalmente entre duas lombadas. Vem do castelhano *cañada*: na Argentina, no Peru, na Bolívia, no Uruguai tem o mesmo sentido. Corresponde a baixada, ao baixão do norte do Brasil. É termo dos Estados do sul, máxime do Rio Grande. Segundo nos informou o ilustre professor do Ginásio de Santa Catarina, padre GERALDO PAUWELLS S. J., na campanha riograndense, êste termo significa vale estreito e fundo e também as valas profundas que as chuvaradas fortes rasgam em ladeiras muito inclinadas. (B. de S.).
- CANHAMBORA** — Escravo fugitivo (Vide calhambola). Variantes: Canhembora, canhimbora, caiambola, canhambola, quilombola. (B. de S.).
- CANOA** — Termo garimpeiro das lavras baianas, designativo de canal no terreno para atirar o cascalho, e por meio de enxadas, com água, separá-lo das terras e grumos aderentes. (B. de S.).

(*Continua*)